

A REVISTA DUAS ALMAS

CAPTAIN Dick foi o mais formoso espírito de inglês que encontrei durante as minhas longas estadias na nublada Inglaterra.

Conhecemo-nos em Penzance, numa madrugada trágica — quando, ainda durante a guerra, o navio onde eu andava lá encalhou.

Comandava ele um gazolina de fiscalização e de caça aos submarinos, o primeiro que correu em nosso auxílio apenas começaram a ser ouvidos os aflitivos toques de *sirène* e os tiros de peça pedindo socorro.

Audacioso e valente, abeirou-se o mais que podia do costado do *Porto Alexandre* e indagou em que condições tinha sido o encalhe, informando-se do perigo com uma solicitude e carinho dignos de registo e duma gratidão imensa, pois não é fácil encontrar na rudeza britânica — própria dos espíritos nórdicos — sentimentos de humanidade e de altruismo que se assemelhem aos que ornavam a boa alma do Captain Dick.

O mar estava tempestuoso, e junto á costa — o navio tinha encalhado a menos duma milha de terra — a resaca das vagas torvelinhava endoidecida, sacudindo o navio sobre o leito da duna de areia para onde uma infeliz manobra nos tinha atirado.

A noite — uma noite de princípios de Maio — envolta em seu manto denso de treva que os clarões do farol do Cabo Lizard rasgavam de segundos em segundos, iluminando sinistramente o dorso espumante das vagas, os recortes alcantilados da costa e a carcassa do *Porto Alexandre* que gemia aos choques furibundos do mar — parecia dizer-nos em esgares, gargalhando cínica, que a morte, a implacável inimiga do marinheiro, a sua companheira de todos os dias — não tardava a dar-nos o braço, roubando-nos a vida com o poder hipnótico das suas orbitas sem olhos... No céu nem uma estrela — nas almas a desolação, o horror.

E enquanto não amanheceu, íamos sentindo cada vez mais longe de nós a fugitiva esperança de salvamento.

*

* *

O navio todo adornado a sotavento ia resistindo graças á sua admirável construção e ao termos-lhe aliado os lastros.

Quando o dia começou a clarear, um sem numero de embarcações dispostas a *safa-lo* começaram a sua árdua tarefa.

O temporal amainou, facilitando as manobras executadas sobre as ordens do Captain Dick durante dois dias, sem interrupções, nem desfalecimentos.

Trabalhou-se com denodo e quando sentimos deslizar o *Porto Alexandre* sobre o baixo que ia sendo a sua sepultura e talvez o descrédito da boa fama dos marinheiros portugueses, todos os olhos se volveram para a bela figura do official inglês, rendendo-lhe a sincera homenagem a que ele tinha direito — e que modesto como mais ninguém, se recusava a aceitar, dizendo a sorrir para o comandante português que a chorar como uma criança o abraçava e beijava:

— «All right captain... finish... all right...»

* *

Como receitássemos o estado do fundo do navio, entramos no porto para o vistoriar e seguirmos depois para Cardiff, a concluir a primeira *étape* da nossa viagem.

Durante os dias em que aquele incidente nos fez conservar em Penzance, Dick foi nosso hospede.

No dia em que começámos a viagem, fomos nós de visita á sua elegante *cottage* — uma vivenda construída sobre um montículo de rocha refrescado pelo mar que quasi o rodeava todo.

O *home* inglês, confortavel e elegante, contrastando com o exterior — uma severidade que irrita, uma desalegancia que enerva — é bem um ninho de doçura e de encantamento... sobretudo quando lá vivem uns olhos azues, translucidos, a espiritualisar o material, a alegrar a nudez sombria das coisas, a desgraciosidade ingénita do ambiente inglês...

Captain Dick, para em tudo ser feliz, tinha uma filha de olhos azues — a alegria do seu lar — a sua vaidade de pae — a minha saudade de Penzance...

* *

Os paes chamavam-lhe Nelly — eu sem querer chamelhe Aphrodite — pois appareceu-me *branca de neve e de olhos doces*...

Conversámos cerimoniosamente até á hora cinzenta do pôr do sol — chamo-lhe cinzenta porque na Inglaterra, á hora dos poentes, o horizonte poalha-se de bruma, de neblina e de névoa — em que descemos á praia pelo braço um do outro — ela insinuante e airosa, interessante na sua *toilette* clara, pintalgadinha de manchas verdes, vermelhas e amarelas rindo risadinhas que nunca chegaram a ser gargalhadas, duma ternura infantil; eu radiante no meu contento de meridional que sente vencer-se um coração de mulher.

E *flirtamos*... e recitou-me, chapinhando na agua do mar os seus pésitos de neve, períodos de Walter Scott e estancias de Byron... e beijou-me as mãos, mal lhes poisando os labios, quando lhe disse, ao voltarmos para casa, que ao abandonar Penzance a levava no coração — e nos meus olhos a claridade azul dos seus, e na minha alma as recordações saudosas da sua ternura...

Ao despedirmo-nos — o navio, na baía, dava o primeiro sinal de partida — ela tartamudeou uma frase que eu não percebi — eu segredei-lhe baixinho uns versos aprendidos algures, que ella não compreendeu:

«... a cabeça envolvida em halo de oiro a arder
Tem a suprema graça, o magestoso encanto...
Ha nos seus braços nós uma ancia de prender
E na sua boca em fogo ha o rubro do amaranto.»

.....
Miss Nelly — perdão — *my dear Aphrodite* — que eu, há sete anos, dia a dia, recordava com saudade — está em Lisboa; reside em Lisboa; passa a viver em Lisboa.

Vi-a há uma semana na rua do Ouro, á hora-élite, insinuante, airosa, interessante, na sua *toilette* clara — a

única que ella prefere — pintalgadinha de verde — um verde-claro, esperança, desejo . . .

A côr dos olhos ainda é a mesma — nem um tom mais carregado, nem menos sumida a claridade — a mesma alvura rosa das faces — o mesmo riso traquinas — a mesma maneira doce, terna, infantil . . .

Como eu gostei de a ver . . . como nós os dois gostámos de nos ver . . .

Recordámos Penzance e o último minuto do nosso único *flirt*.

Falei-lhe no pae e no motivo da sua vinda para Portugal.

O pae está na Guiné inglesa, como delegado do governo — ella em Lisboa em casa duns parentes.

E ainda não esquecida da nossa amizade — que Nelly tem trazido á flor do seu coração — convidou-me para um *rendez-vous* — sem frases tartamudeadas, nem versos ditos baixinhos . . .

*

* *

Estive hoje em casa dela — num prédio ás Avenidas Novas.

Recebeu-me no seu quarto — a educação inglesa não admite preconceitos — abomina-os, detesta-os — um quarto forrado a azul, mobilado a branco.

Pelas paredes, quadros, *photos*, recordações, saudades . . .

A um canto, o busto em marmore, de Oscar Wilde — o *Gentleman* — que ella adora e divinisa.

Scenário inglês, *mise-en-scène* inglesa — ambiente tépido, morno, perfumado — á portugueza . . .

Sobre um *étagere*, a meio do quarto, um enorme molho de cravos rubros, sangrentos — a única mancha alacre entre aquellas quatro paredes azues, nota vibrante dum clarim a flutuar por ali . . . á solta . . .

E quando perguntei a Nelly porque em vez dos cravos vermelhos não preferia as rosas brancas os miosotis azues, os mal-me-queres amarelos — respondeu-me num sorriso lindo — num sorriso a que os cravos emprestaram a côr :

— «Para ouvir sempre, ao pé de mim, uma risada ; a terra portugueza, junto de mim, a rir — uma boca portugueza, junto á minha boca, ás gargalhadas ! . . . »

MAIA ALCOFORADO